

ATIVAÇÃO PATRIMONIAL E TURISMO: REFLEXÕES, APROXIMAÇÕES E DIÁLOGOS A PARTIR DA POSSIBILIDADE DE EXPLORAÇÃO DAS MEMÓRIAS DA CONSTRUÇÃO DE ITAIPU BINACIONAL

*HERITAGE ACTIVATION AND TOURISM: REFLECTIONS, APPROACHES AND
DIALOGUES ON THE POSSIBILITY OF EXPLORING THE MEMORIES OF
ITAIPUBINACIONAL CONSTRUCTION*

Andressa Szekutⁱ. Samuel Klauckⁱⁱ

Palavras-chave Resumo

Patrimônio.
Turismo.
Ativação
Patrimonial.
Itaipu Binacional

ISSN
2594-8407

Revisado por
pares

Submetido
08/12/2020
Aprovado
25/03/2021
Publicado
08/06/2021

No cenário composto por patrimônio e turismo apresenta-se o conceito de ativação patrimonial proposto por Prats (2006), compreendido como a mobilização de valores atribuíveis aos elementos memoriais, feita de forma conjunta por atores sociais, e que pode servir como *recurso para viver*. A partir dessa perspectiva, tem-se como objetivo refletir sobre a ativação patrimonial a partir da interação entre patrimônio e turismo, partindo da hipótese de apropriação de memórias compartilhadas sobre Itaipu Binacional, para ilustrar a reflexão. A partir de pesquisa bibliográfica, foi possível contextualizar as memórias compartilhadas sobre Itaipu, e de acordo com as premissas conceituais, pôde-se identificar que, para o processo de ativação patrimonial, a participação social é central, pois a ativação parte de referenciais memoriais compartilhados, e que ela pode estimular uma atividade turística de forma sustentável.

Keywords

*Heritage.
Tourism.
Heritage
Activation.
Itaipu Binacional.*

Abstract

*In the combined scenario of heritage and tourism, the concept of heritage activation proposed by Prats (2006), understood as the mobilization of values attributable to the memorial elements, collectively done by social actors, and which can serve as *recurso para viver*. Within this perspective, the objective is to reflect on heritage activation based on interactions between heritage and tourism, considering the hypothesis of appropriation of shared memories of Itaipu Binacional, as to illustrate the reflection. Bibliographic research made possible to contextualize shared memories about Itaipu, and according to the conceptual premises, it has*

been identified that active social participation is key in patrimonial activation process, knowing that activation begins with shared memorial references, and that it can stimulate tourism activity in a sustainable way.

INTRODUÇÃO

A noção de patrimônio cultural como plural, material e imaterial, se expande na academia e nas proposições internacionais, principalmente a partir da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), bem como envolvido a sociedade em discussões acerca dele. Essa noção abre a prerrogativa de ativação patrimonial, de patrimonialização, de valorização de elementos selecionados pelas sociedades como representativos de si. E nesse contexto entrelaçam-se as (re)construções de representações para definir narrativas identitárias a partir das apropriações e ativações com a possibilidade de utilização desse patrimônio pelos grupos sociais que o acionam (Prats, 2005; 2006).

A partir da interligação entre Patrimônio e Turismo, muitas são as reflexões teóricas e exploratórias acerca das experiências vivenciadas entre as áreas, apontando questões positivas e negativas dessa interação (Carlos, Yázig & Cruz, 1996; Cf. Barretto, 2006; Castro, 2007). Mesmo havendo diferentes experiências, assim como há diferentes formas de compreensão desse vínculo, existe uma relação histórica entre as categorias. A noção de patrimônio como herança do passado tem estreita ligação com a noção de monumento, que é um referencial de arte, e ambos, tem longa relação com a curiosidade, a visitação e coleções (Choay, 2006; Poulot, 2009). O turismo, por sua vez, tem sua origem atrelada a *Grand Tour* e se expande comercialmente com o desenvolvimento do capitalismo e dos meios de transporte por meio de viagem para visitas e lazer, estimuladas muitas vezes por questões culturais e patrimoniais (Ignarra, 2011).

Com essas definições iniciais, o artigo traz como objetivo a discussão sobre patrimônio e turismo, por meio de reflexões, aproximações e diálogos em um processo de possível ativação patrimonial, vinculado às memórias da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Para mostrar como a ativação patrimonial ocorre a partir de diferentes interações entre ações e sujeitos, ampara-se na compreensão de que um compartilhamento de memórias, pode ser elemento estimulante de um turismo cultural (Barretto, 2006) e de experiência (Panosso Netto & Gaeta, 2010) e ao mesmo tempo proporcionar retorno para a sociedade.

Este raciocínio tem como referências os exemplos indicados por Prats (2005) e experiências de apropriação de referencial memorial para ativação patrimonial. Entende-se que essa prática pode estar atrelada a preservação da memória pelo usufruto e/ou exposição, por exemplo, a utilização de antigas áreas industriais, partindo do seu referencial de memória e sua re-contextualização para a utilização por meio do lazer (Sobrinho, 2010). E para fim de reflexão com base na realidade, tomou-se como referência de análise a instituição Itaipu Binacional, enquanto um *lugar de memória*, na acepção de Nora (1993).

Itaipu Binacional é uma grande obra de engenharia, constituída entre Brasil e Paraguai. Sua construção, que se iniciou nos anos 1970, refletiu na transformação territorial da Fronteira Trinacional do Iguaçu, entre Brasil, Argentina e Paraguai. Pelo grande número

de trabalhadores que mobilizou, tem grande influência na memória regional. Hoje, já em pleno funcionamento e em outro momento de sua constituição, integra a atividade turística de Foz do Iguaçu, que é um dos mais importantes destinos turísticos nacionais.

Aqui recupera-se a definição de lugar de memória. Segundo Nora “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos.” (1993, p. 12). E ainda, segundo ele, representam essa definição “Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade.” (1993, p.13). As representações da obra de Itaipu a alçaram ao patamar de monumento, como tributo da genialidade humana e das opulências do trabalho humano envolvido em sua construção.

As reflexões apresentadas ancoram-se fundamentalmente nas considerações teóricas e metodológicas sobre ativação patrimonial, propostas principalmente por LlorneçPrats, relacionadas com abordagens sobre turismo, com destaque ao turismo cultural e de experiências. Subsidiaram as análises a pesquisa bibliográfica sobre a constituição dessa Usina, e as (re)construções memoriais e territoriais em que está relacionada. Com isso, o texto se divide em duas partes, sendo que na primeira elabora-se uma reflexão teórica sobre ativação patrimonial e suas possibilidades de abrangência; e, na segunda, contextualiza-se Itaipu Binacional a partir da perspectiva patrimonial. Dessa forma exemplifica-se, hipoteticamente, a aplicação da ativação patrimonial, considerando os princípios indicados por Prats (2005; 2006), conforme é explanado no texto a seguir.

PATRIMÔNIO E TURISMO: UMA QUESTÃO DE MEMÓRIA E PLANEJAMENTO

Para iniciar a reflexão sobre a aproximação entre patrimônio e turismo considera-se que se pode construir a análise a partir da noção de memória, entendendo que ela transcende aos conceitos como elemento ativador comum. Destaca-se que “A memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada.” (Candau, 2011, p. 16); uma constante construção social, que ocorre de acordo com os interesses de definição das representações das coletividades, e é geradora de sentimento de pertencimento e continuidade, conforme apreendido a partir dos autores Halbwachs (1990), Candau (2011) e Pollak (1992). Assim, memória e patrimônio são conceitos entrelaçados, que em suas bases teóricas têm a noção de construção de representação, de identidade e continuidade.

Para Prats, a ativação patrimonial é a mobilização de valores atribuíveis aos elementos memoriais, por meio de seleção, interpretação e institucionalização - feita de forma conjunta por atores sociais - que valorize, por meio de um discurso patrimonial, os referentes escolhidos, destaque seus significados e importância; e localize o seu contexto (Prats, 2006). Assim, a ativação patrimonial é a definição do que é patrimônio, e nesse sentido, segundo o autor, o patrimônio é reconhecido quando tem como base uma construção social ampla, amparada em um discurso memorial preestabelecido e compartilhado. Sendo que, poder público, instituições privadas, academia e sociedade civil devem atuar na ativação patrimonial de diferentes formas, mas todos são importantes para o processo. Assim como o

turismo, a mídia e a sociedade de consumo também são ferramentas de ativação patrimonial.

Com isso, tudo pode se tornar patrimônio desde que esteja dentro da tríade da *natureza, história e genialidade* – que de acordo com Prats (2005) são pilares que delimitam a possibilidade de patrimonialização –, e que seja reconhecido como representativo do seu grupo, ou seja, uma seleção do que se quer passar de si, uma construção de imagem (Prats, 2005). Esse autor ressalta a questão da escolha para definição de si, indicando que a patrimonialização não ocorre de forma natural, mas sim, recebe significado de acordo com a sociedade, que cria códigos de representações físicas ou simbólicas sobre as coisas.

Do ponto de vista da antropologia, o patrimônio não é o passado estagnado em objetos e formas, mas sim, todo o tipo de resquício ou testemunho, que em sua relação no presente, certifique a existência social através da construção de identidades. Segundo Tornatore, “é menos o passado e sim sua presença, isto é, a maneira pela qual as coisas do passado nos são apresentadas, a maneira pela qual os coletivos organizam a presença do passado como modalidade de consciência de si” (2010, p.19). Com isso, reforça-se a importância do vínculo e utilização do patrimônio pela sociedade, que a partir dele se define e se reproduz social, cultural e economicamente.

Dentre os motivos que levam à ativação de um patrimônio está a restituição da memória da população que, para Prats, não passa de retórica, pois a restituição que a população espera da ativação do patrimônio é muito mais material, ou seja, econômica. Prats (2006) aponta que, para a população, o interesse da ativação do patrimônio é de exploração, e se o turismo permite, espera-se que a ativação patrimonial seja *recurso para viver*. O autor faz esta afirmação apontando tanto para problemas quanto para vantagens advindas dos patrimônios ativados e diz que o que define a mercantilização do patrimônio, longe de ser um problema identitário, pode ser uma forma genuína de restituição à comunidade. O que aponta para a utilização do patrimônio como uma ação de sustentabilidade social. Esta noção também vai ao encontro dos apontamentos de Barretto (2006) que acredita que o turismo seja um estímulo à manutenção da identidade das populações receptoras, e que precisa de planejamento para um funcionamento sustentável visando a preservação do patrimônio com uma atividade saudável.

Para Prats (2006), a aproximação entre turismo e patrimônio pode causar problemas identitários pelo uso do patrimônio devido ao baixo ou excessivo fluxo de visitantes, ou ainda por sua banalização excessiva. Em outras palavras, a atividade turística pode não satisfazer as expectativas dos moradores ou dos turistas, ou pode desvirtuar a sacralidade do patrimônio. Contudo, o autor afirma que todas estas variáveis negativas se relativizam quando existe a necessidade de explorar o patrimônio ativado. Essa ideia respeita a premissa do autor de que o patrimônio precisa, em primeiro lugar, ser fonte de vida para a sua comunidade. Com isso o turismo torna-se o meio de subsistência para muitas localidades, as quais por diferentes motivos fazem do patrimônio ativado sua principal fonte de renda.

Prats (2006), em uma perspectiva antropológica, propõe que a gestão do patrimônio aconteça antes mesmo de sua ativação, em um processo integrado entre profissionais de diversas áreas e comunidade, para então ativar e logo gerenciar o patrimônio local. Para ele,

selecionar o que é significativamente importante para a comunidade constitui uma estratégia espontânea e eficaz de preservação, por isso que sua proposta é de selecionar o patrimônio a ser ativado a partir da observação da sociedade. O autor articula que no âmbito local os discursos ideológicos se percebem na esfera *vivencial*, entrando então no campo do subjetivo ou intersubjetivo, e diz que a verdadeira natureza de um patrimônio local é a memória. Reforça-se assim que, para Prats, da memória originam os discursos, ou seja, os patrimônios. É que ela, a prática, precisa, por esse motivo, ser o coração das ativações patrimoniais,

En conclusión, propongo que el patrimonio local no sea tomado como un conjunto de referentes predeterminados por principios abstractos de legitimación, sino como un foro de la memoria, en toda su complejidad, que permita una reflexividad poliédrica sobre soportes diversos, que, partiendo de las preocupaciones y retos del presente, reflexione sobre el pasado, para proyectar, participativamente, el futuro. Esta es mi forma de entender el patrimonio como “recursos para vivir” (Prats, 2005, p. 32).

Nesse sentido, Prats indica que uma gestão do patrimônio com responsabilidade social inicia-se nas suas origens: na sociedade. Esta acepção permite entender que o patrimônio é constituído no dia-a-dia, nas vivências e, mais que uma referência de passado, é constituinte de continuidade, comunidade. Com isso, o patrimônio só é patrimônio quando é reconhecido pela comunidade, ainda que ela não tenha essa noção clara de que atribui valor a algo porque é seu patrimônio. Por exemplo, a praça da cidade onde se reúnem, a forma de preparar um alimento, os mitos da localidade, a paisagem resultante da ocupação do espaço, as festas comemorativas da comunidade, ou mesmo uma obra monumental como Itaipu, podem ser alçadas a possíveis patrimônios.

É nesse mesmo sentido que Tornatore (2010) aponta a importância de trabalhar memória e patrimônio de forma associada, pois o último é uma forma de materialização da memória. Mostrando que o patrimônio é a presença do passado, uma forma de organização do passado na reconstrução de si. Desse modo, entendemos que os processos patrimoniais emanam da organização da sociedade, e que, por isso, a ativação de patrimônios não pode ser gerida a partir apenas de poder público ou iniciativa privada. Mas sim, ser um processo de trabalho integrado com a sociedade, pois são as experiências e expectativas dela que mostram o que lhe é importante no presente e o que quer preservar para o futuro. É a partir de todo esse apanhado, busca-se refletir, hipoteticamente, a partir dos referenciais de memórias da construção de Itaipu Binacional, para aprofundar e socializar o conhecimento sobre esses conceitos e sua aplicação.

Destaca-se que de acordo com Prats não há “receita” para a gestão patrimonial, pois, como o patrimônio é plural e diverso, cada lugar tem suas características e seu potencial, que pode ser selecionado e explorado de formas diferentes. O que se infere é uma necessidade de planejamento participativo, com atividades interativas e democráticas, e que o patrimônio não deve ficar estagnado. Para isso, o poder público deve estar engajado e então dar sustentação, a partir de políticas públicas e legislações que amparam as ações patrimoniais, e assim incentivar manifestações sem interferir na dinâmica, respeitando a autonomia da comunidade, para que assim a população seja beneficiada da ativação, da comercialização e da preservação do seu patrimônio. É ressaltado-se que essa ação pode gerar

pertencimento à sociedade e aumentar a preservação patrimonial, o que leva a uma prática sustentável social, cultural e econômica.

A ativação patrimonial, segundo Prats, pode ser realizada a partir de suportes diversos e de diferentes formas. Com isso, como hipótese de aplicação do conceito, aproxima-se então das categorias de memória e arte para refletir sobre o tema. De acordo com Silva,

[...] a memória é um dispositivo que é ativado como mecanismo de afirmação identitária no campo cultural mediado pela arte. Esse dispositivo funciona como um modo de auto-reconhecimento, disponibilizando elementos do passado para atuar no presente e criando, formas de representação social dos valores da tradição que podem ser emblemáticos para a difusão das culturas e dos saberes locais nos processos futuros. Com isso, a memória além de ser um mecanismo de auto referência, também permite que o conteúdo histórico e testemunhal recuperado pelos grupos sociais seja valorizado culturalmente, sendo assim apresentado para fora de seu círculo social, como um símbolo de identidade (Silva, 2017, p. 5).

Uma das formas da “memória pela arte” ir além do seu círculo social, como sugere o autor acima, é o turismo, com a reprodução e exposição dos referenciais de memória. Nesse sentido, lembra-se, a partir de Prats (2005), que o patrimônio é um sistema de representações da identidade de um grupo que tem como base a *externalidade cultural*, ou seja, a posição frente ao *outro*, ou ainda “ir além do seu círculo”. E entende-se que o turismo permeia a relação com a possibilidade de exposição e manutenção desses referenciais (Barretto, 2006).

Até o início do século XX, a arte era concebida como objeto único, fruto da genialidade artística. A partir dos anos de 1960, essa característica se dissolve em formas mais dinâmicas de arte, trazendo a interatividade como parte fundamental da obra. Do objeto estático, meramente contemplativo, passa a ter outros significados a partir de sua relação com o espectador, com o entorno e com o espaço social (Zilli, 2017).

Essa concepção de arte, e sua legitimação como tal e como patrimônio, remete a propostas de artistas como Marcel Duchamp (1887-1968), de retirar os objetos de suas funções cotidianas, elevando-os à categoria de arte, o que pode ser visto em obras como “Roda de bicicleta” (1913), “Suporte de garrafas” (1914) ou “A fonte” (1917). A partir das práticas de Duchamp compreendeu-se que qualquer objeto livre de sua finalidade funcional, retirado de seu contexto e submetido a outro contexto e a outro ponto de vista, pode ser transformado em uma obra de arte. Essa proposta tem influência nas manifestações artísticas da década de 1960, como os Novos Realistas franceses e a Pop Art americana que, simultaneamente, tornaram-se um marco na História da Arte, sendo referência da produção artística pós-moderna e contemporânea (Zilli, 2017).

De acordo com Zilli (2017) são muitos movimentos e grupos artísticos que, a partir dos anos 1960, buscam ultrapassar a forma do objeto e expandir os limites – físicos e conceituais – da arte. Em busca de liberdade para suas ações e valorizando a experiência, os artistas apropriam-se das paisagens, das tecnologias, dos mais diversos tipos de materiais e linguagens. Dessa forma buscam, através das ações performáticas, uma aproximação com o público, com a realidade da vida e da sociedade. Nesse sentido, a arte não representa a vida, mas sim, faz parte dela.

Dessa forma, com uma recuperação do uso de um objeto, se introduz uma prática poética onde inicialmente havia uma lógica utilitarista (Debary, 2017). Em uma transformação do valor de uso inicial, os objetos vêm dizer outra coisa diferente daquilo para o qual foram concebidos. Reconstroem um discurso, uma história, que se vincula a suas funções, fazendo valer sua força memorial e, dessa forma, reforçam o pertencimento e a continuidade no tempo e espaço. Uma valorização patrimonial a partir da sobrevivência de objetos destinados a serem perdidos, pelo seu potencial narrativo, memorial e turístico.

Hoje, parques de esculturas ou museus de arte ao ar livre são bastante comuns e têm por função ampliar a dimensão social do museu através da aproximação dos objetos artísticos com a vida cotidiana. Pelo mundo, são inúmeras as iniciativas que levam a arte ao convívio social em parques ou áreas de lazer e turismo. Dessa forma, o sujeito torna-se produtor e ao mesmo tempo consumidor cultural (Sperling, 2010). A promoção de atividades diversas como oficinas, cursos, palestras, shows e apresentações musicais, de teatro ou de dança, fazem parte da agenda dos atrativos que empenham-se em evidenciar o papel social e manter-se na contemporaneidade.

Nessa perspectiva, aponta-se para a aproximação do patrimônio com o turismo a partir da memória e da arte, em uma ação de sustentabilidade social, pois, entende-se que a comunidade precisa se beneficiar do seu patrimônio, e que isso faz parte do próprio processo de apropriação e ativação patrimonial.

A partir dessa perspectiva, visualiza-se a possibilidade de apropriação de memórias compartilhadas e relíquias memoriais pela sociedade e artistas locais, com o intuito de ressignificá-las e torná-las acessíveis por meio da arte. Ativando o patrimônio a partir de sua vivência por meio da interação e visita às peças elaboradas. Fortalecendo de forma conjunta a memória compartilhada e a atividade turística.

ITAIPU BINACIONAL

A partir das considerações teóricas anteriores buscou-se um referencial memorial sobre o qual aplicar a reflexão. Ressalta-se que é uma análise que pode ser aplicada a diferentes espaços e/ou objetos, desde que esteja dentro do triângulo da *natureza, história e genialidade*, de acordo com Prats (2005). Como indicado anteriormente no recorte, selecionou-se aqui uma instituição que tem um grande referencial de memória na Região Trinacional do Iguazu, que cumpre tanto com a categoria de ativação patrimonial de história quanto a da genialidade. No sentido histórico, Itaipu é reconhecida pela transformação que trouxe ao território na qual foi inserida, bem como pela produção energética que permitiu e garantiu o abastecimento das principais regiões do Brasil e do Paraguai, contribuindo para o seu desenvolvimento. Por sua vez, a ação do homem no controle e uso da força da natureza e a técnica construtiva permitem inserir a obra no conjunto de genialidade.

A Usina Hidrelétrica de Itaipu binacional, como projeto entre Brasil e Paraguai (Itaipu, 2020), foi implantada com base no Tratado celebrado em 26 de abril de 1973, com o objetivo de aproveitar o potencial hidrelétrico do Rio Paraná, o que levou a integração de infraestrutura e também sociocultural da região (Itaipu, 2020a). Itaipu, como é chamada, tem inúmeros estudos que abordam sua construção, sua história e seus aspectos técnicos.

Neste artigo, limitado ao espaço de Foz do Iguaçu, servem como fonte de informação alguns textos produzidos pela própria usina, e também alguns estudos acadêmicos que abordam sua história, e principalmente que constroem levantamentos memoriais nos espaços que se originaram em decorrência da implantação desse projeto nesse município (Ribeiro, 2002, 2006; Catta, 2003; Thaumaturgo, 2012; Souza, 2015).

Entre 1970 e 1980 a Usina começou a ser construída e como efeito direto teve-se o aumento da população na região. Nesse período, Foz do Iguaçu, segundo Thaumaturgo (2012) cresceu em torno de 300%, passando de 34 mil habitantes em 1974, para 136 mil habitantes em 1980. Com o elevado crescimento populacional, o município não tinha infraestrutura suficiente. Então a construção da infraestrutura básica para os trabalhadores e suas famílias fez parte do próprio projeto da Usina. Conforme Souza (2015), foram criadas três Vilas, “A”, “B”, e “C”, sendo que em cada uma delas era alocadas distintas categorias de trabalhadores – apresentando também a tais trabalhadores, uma estrutura básica de serviços como saúde e educação.

Esse processo ocorreu nos dois lados da fronteira de forma similar e gerou grande transformação na região, com milhares de pessoas atraídas pelo trabalho direto e indireto promovido pela obra monumental. De fronteira pouco habitada e com acesso limitado, a região passou a ser reconhecida como estratégica e teve crescimento exponencial, tanto na margem paraguaia como na brasileira do rio Paraná, o que transformou o meio ambiente, a sociedade, a paisagem e a memória do território.

A instalação, funcionamento e atuação regional de Itaipu alterou a lógica de ocupação e uso do espaço, influenciando na transformação dos processos produtivos. Além das questões socioculturais e ambientais, Itaipu teve grande influência na transformação tecnológica da região. Sua ação histórica tem paralelo com o desenvolvimento da tecnologia no mundo, sendo que seu planejamento e execução são exemplares da engenharia, como no exemplo de 1995, em que Itaipu foi incluída na lista das sete maravilhas do mundo moderno, feita pela Associação Norte-Americana de Engenheiros Civis (Asce) para a revista “Popular Mechanics”, dos Estados Unidos (Itaipu, 2020b). No ano de 1984 entrou em operação a primeira unidade geradora de Itaipu, e hoje (2020), como obra, a Usina já foi finalizada, com 20 unidades geradoras de 700 MW cada, o que equivale a capacidade instalada (potência) de 14 mil megawatts (MW) (Itaipu, 2020c). Nesse processo de mais de 40 anos - e mais de cem mil trabalhadores - a Itaipu impactou a região de diferentes formas.

Nota-se que a instituição busca definir e afirmar seu papel de atuação nesse espaço a partir de alguns elementos, conforme pode ser visto, por exemplo, em matéria de sua comunicação, intitulada “40 ANOS: ITAIPU TRANSFORMA FOZ EM UM DOS MAIORES MUNICÍPIOS DO PARANÁ” (Itaipu, 2020d). Esta matéria dá ênfase às transformações positivas consideradas diretamente relacionadas a Itaipu, ressaltando seu papel na região, o que mostra a busca de construção de uma imagem, portanto, em uma acepção a Pollak (1989), um enquadramento de memória da instituição. E essa instituição segue atuando na região, não mais com construção, mas de diferentes formas, com diferentes projetos.

Com a obra já finalizada e em diferente momento político, em meio a diversas ações na região, Itaipu a partir de 2003, ampliou sua missão de geração de energia elétrica para

incluir conceitos de responsabilidade socioambiental, que passou a ser: “Gerar energia elétrica de qualidade, com responsabilidade social e ambiental, impulsionando o desenvolvimento econômico, turístico e tecnológico, sustentável, no Brasil e no Paraguai” (Itaipu, 2020e). Assim, a Itaipu, além de ser uma moderna planta industrial, que supre uma parcela significativa da demanda de energia elétrica do Brasil e quase a totalidade da demanda paraguaia, também passou a desenvolver um conjunto de programas e de ações para promover diretamente o desenvolvimento autossustentável em ambos os países, especialmente nas comunidades regionais que de alguma forma foram afetadas pela formação lago de Itaipu, lago que se estende de Foz do Iguaçu até a cidade de Guaíra no lado brasileiro e a Salto del Guairá no Paraguai (Itaipu, 2020a).

Entre outros projetos, como o Ecomuseu de Itaipu e o Refúgio Biológico Bela Vista, na margem brasileira (Itaipu, 2020f), e o *Museo de la Tierra Guaraní* e o *Refúgio Biológico TatíYupí* (Itaipu, 2020g) na margem paraguaia são exemplos da ação da instituição em conservar e salvaguardar vestígios históricos e da biodiversidade da região. Aqui se percebe o esforço em constituir espaços de memória, em uma acepção à Pollak (1989), com o intuito de enquadramento e dirimir eventuais disputas em torno das lembranças entorno das consequências sócio-ambientais da construção da Usina e da formação do lago. Essas ações permitiram a vinculação dos espaços criados ao turismo e outros projetos ambientais e sociais.

Desde que a instituição também adotou o turismo como parte de sua missão, Itaipu vem se adaptando para a atividade turística nas suas duas margens, com a disponibilização de diferentes atrativos, de acordo com os recursos disponíveis, com aproveitamento do potencial da obra, e o interesse e curiosidade dos visitantes. Assim, o seu conjunto já é um atrativo consolidado (Itaipu, 2020h), compondo a oferta turística regional, que em 2019 contabilizou mais de um milhão de visitantes, somadas as visitas das duas margens (Brasil, 2020).

Os levantamentos permitem perceber o desenvolvimento de infraestrutura para o atendimento da atividade turística e também iniciativas de responsabilidade social, preservação ambiental e histórica. É nesse contexto histórico e de gestão da Usina que propomos a reflexão sobre ativação patrimonial na região. Consideramos que Itaipu, em todo seu processo de construção, representou uma grande força de trabalho e de transformação tecnológica, paisagística (entre outras) que têm valor histórico. Hoje esse processo de construção está na memória dos antigos trabalhadores e poderia, juntamente com seus vestígios materiais, conjugar uma ativação patrimonial.

Essa hipótese se levanta compreendendo o impacto de Itaipu na formação territorial da região, conjecturando que existem redes de memórias compartilhadas sobre a construção da Usina. Algumas pesquisas acadêmicas trazem relatos, como de Ribeiro (2002,2006), Catta (2003), Souza (2015), Batista (2016). Essas abordagens têm diferentes enfoques e discussões, mas permitem identificar o desenvolvimento demográfico da região de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, com grande incremento populacional que se fixou neste espaço atraído direta e indiretamente pela construção da Usina.

Levantamentos também são feitos pela própria instituição, principalmente por meio do Ecomuseu, mas também pelo Turismo Itaipu, por exemplo, com projetos com os antigos barrageiros. Cita-se como exemplo o projeto Barrageiros no Turismo que contratou antigos

trabalhadores para trabalhar no Complexo turístico de Itaipu e interagir com os turistas, contando histórias e curiosidades sobre a obra (Brasil, 2020a) e do Espaço Barrageiro, que dentro do Parque Tecnológico de Itaipu, nos antigos alojamentos dos barrageiro, visa recuperar, preservar, valorizar e difundir a memória desses trabalhadores (Parque Tecnológico Itaipu [PTI], 2020). Ambos projetos partem das experiências compartilhadas desses sujeitos para a preservação memorial da Usina e utilização dos referenciais memoriais para o turismo.

Os exemplos de ações citadas anteriormente não tinham, por princípio, o objetivo de firmarem-se como ativação patrimonial, foram tomadas apenas como exemplos. Desse modo, não trazem de forma clara o discurso patrimonial que pode existir entre os trabalhadores da Usina, mas evidenciam uma mobilização coletiva em torno de uma mesma experiência, um grupo, um referencial compartilhado. O projeto Barrageiros no Turismo está mais relacionado com a ativação patrimonial, pois convidam antigos barrageiros para participar do processo de rememoração e exposição dessas memórias. Observa-se, porém, que, apesar do esforço, os projetos se distanciam da proposta de ativação patrimonial porque a própria Instituição foi quem selecionou e executou de forma independente os projetos.

Como já vimos, considerando as perspectivas de ativação patrimonial apontadas por Prats, apesar de não haver receita, a sociedade precisa estar engajada no centro de uma ativação patrimonial e a partir dela constituir a seleção dos discursos patrimoniais para a ativação e o usufruto do patrimônio. Pois é ela que detém as memórias e é a partir dela que se garante a efetividade da preservação do patrimônio. Dessa forma, compreende-se que existem ainda formas de ativação não exploradas sobre esse referencial memorial. Como já mencionado, esse é apenas um exemplo, para a aplicação do conceito de ativação patrimonial.

Em uma aproximação desse potencial com o panorama do turismo no mundo, indica a busca dos viajantes por experiências memoráveis (Conforme Panosso Netto & Gaeta, 2010). Em nível regional há movimento semelhante preconizado pelo Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS do Polo Turístico de Foz do Iguaçu – FI, que tem como principal objetivo: aumentar o número, o tempo de permanência, os gastos e a satisfação do turista com a realidade local, que de forma integrada busca estimular o turismo na região (Brasil, 2020c). Entende-se que essa ativação patrimonial além da valorização da memória local, principalmente dos antigos trabalhadores de Itaipu, também estimula a atração de turistas, em uma junção entre sociedade civil, poder público, e a própria Itaipu, para levantar os discursos patrimoniais já estabelecidos em torno da entidade, do trabalho e seus trabalhadores.

Para isso, conjectura-se que além das memórias, antigos objetos de trabalho da construção da Hidrelétrica, poderiam ser acionados, a fim de compor um processo de ativação material e imaterial conjunto. Levanta-se essa possibilidade a partir das referências que indicam a possibilidade de ressignificação de objetos por meio da arte. Os objetos, como testemunhos do passado e ao mesmo tempo de volta à interação social por meio da arte (Debary, 2017) cumprem o papel da ativação da memória da experiência que se quer destacar. Além disso, representa uma possibilidade de aproximar patrimônio e turismo a partir da memória e da arte.

Nesse contexto, não se está falando de museus, que Itaipu já tem dois, mas sim de uma ativação que parta da sociedade e faça parte da vivência da sociedade, que ela possa usufruir tanto para lazer quanto para benefício econômico, e dessa forma seguir a perspectiva de patrimonialização proposta por Prats.

Sobre a seleção, interpretação e intervenção artística, entende-se que é um processo da própria comunidade, em uma aproximação com artistas locais, para explorar as relíquias guardadas e a partir das disponibilidades construir obras que permitam a visitação, a experimentação e a preservação patrimonial. Essa iniciativa vai ao encontro de experiências internacionais de aproximação, tanto do morador quanto do visitante, da memória de grandes obras e industriais, que com seus processos de desenvolvimento ficam no esquecimento, como por exemplo o projeto SEVLAB-TEAM (2020).

Nessa perspectiva, conjectura-se que uma possibilidade de ativação patrimonial, que una as perspectivas elencadas acima, poderiam ser alcançadas com um projeto que 1) envolvam diferentes atores sociais; 2) faça o levantamento de memórias e expectativas dos antigos trabalhadores da Usina; 3) medie intervenções artísticas em artefatos históricos, que hoje estão guardados em almoxarifados e arquivos pessoais; e logo 4) promova sua institucionalização por meio da exposição interativa em áreas de visitação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ativação patrimonial parte de algumas perspectivas definidas. A comunidade é considerada como centro do processo, que precisa ter atuação ampla de vários sujeitos, de diferentes meios; ela se dá a partir de discursos pré-estabelecidos; e será mais efetiva para a preservação se atender às expectativas sociais. Partindo dessas premissas, entende-se que patrimônio e turismo podem andar de forma conjunta para se ter tanto a preservação quanto a sustentabilidade da comunidade por meio do patrimônio como recurso para viver.

Nessa perspectiva, não se está buscando romantizar a ativação patrimonial e tampouco o uso do patrimônio pelo turismo. São processos complexos e distintos. Como a ativação parte de um compartilhamento de experiências e expectativas entre a sociedade, pode não ter sucesso por inúmeros motivos, entre eles a falta de engajamento, falta de recursos, disputas políticas. O turismo pode fazer parte do projeto de ativação, mas não é o centro dele. E o uso do patrimônio pelo turismo, por sua vez, pode ter inúmeros efeitos tanto no patrimônio quanto na sociedade. Não se está negando isso. Nesse sentido, aponta-se para uma perspectiva antropológica de patrimonialização que entende-se que poderia ter resultados positivos.

Tomou-se então Itaipu Binacional como objeto de reflexão, aproximação e diálogo, por seu valor histórico e tecnológico, que se percebe em sua atuação na região. Nesse sentido, chama-se a atenção para um aspecto relevante: Itaipu mantém-se ativa, com alto potencial produtivo e com ampliação de ações na região. Assim, ela transformou o espaço e continuou atuando sobre ele, mas de forma diferente. Desse modo, o olhar proposto aqui foi para o legado da construção da Usina hidrelétrica, processo que já está no passado, que faz parte da memória oral dos antigos trabalhadores e dos vestígios materiais, que vão além da construção finalizada. Como os instrumentos de trabalho, peças, máquinas, que são

elementos de conexão com a memória compartilhada da construção da Usina, que não estão acessíveis para a comunidade e visitantes da região. Sobre o qual pode existir compartilhamento de memória.

A partir do levantamento bibliográfico e publicações da própria instituição, compreendeu-se que existe referencial memorial compartilhado sobre a construção de Itaipu e sua ação no território da região. Como a memória é a base da ativação patrimonial, este referencial poderia ser levantado e analisado com maior cuidado, em um projeto específico, com pesquisa direta com a comunidade, para o planejamento de uma ativação patrimonial.

Entende-se que este processo levaria a valorização do discurso memorial de construção da Usina, que se amplamente compartilhado pode fortalecer o valor patrimonial das memórias de milhares de trabalhadores e de uma grande transformação do espaço. Tal cenário pode fortalecer um aspecto que ainda não é aproveitado em todo o seu potencial na região, que é o turismo cultural, o que aponta para a possibilidade de ampliação e diversificação da oferta turística local, valorização da memória regional, promoção de desenvolvimento regional, com um produto memorável.

Por fim, ressalta-se que o artigo é um exercício de reflexão sobre a possibilidade de aplicação do conceito de ativação patrimonial e sua aproximação com o turismo. Existem muitas questões a serem consideradas quando a teoria for encontrar a prática, como a necessidade de recursos, de equipe interdisciplinar, de apoio político, interesse do mercado. Mas infere-se, a partir da análise realizada, que com pesquisa, ação, planejamento e execução participativa pode-se alcançar uma ativação patrimonial que traga sustentabilidade para a comunidade ao mesmo tempo que promova a preservação e o pertencimento ao seu patrimônio e a atividade turística.

REFERÊNCIAS

- Barretto, M. (2006). *Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento*. Campinas: Papirus.
- Batista, I. S. (2016). *A Itaipu e o "Progresso": Uma análise da memória de ex-trabalhadores (1973-2016)*. Monografia. Graduação em História, Universidade Federal da Integração Latino Americana, Foz do Iguaçu. Recuperado em 20 de junho de 2020 de, <https://bityli.com/vMDdi>
- Brasil. (2020). Itaipu bate recorde de visita em 2019. Recuperado em 10 de julho de 2020, de <https://bityli.com/raa3j>
- Brasil. (2020a). Barrageiros são o diferencial na visita a Itaipu. Recuperado em 10 de julho de 2020, de <https://bityli.com/ZDgcQ>.
- Brasil. (2020c). Plano de desenvolvimento integrado do turismo sustentável – PDITS – Pólo Turístico de Foz do Iguaçu. Recuperado em 10 de julho de 2020, de <https://bityli.com/rVKGG>
- Candau, J. (2011). *Memória e Identidade*. São Paulo, Contexto.
- Carlos, A.F.A., Yázigi, E., & Cruz, R.C.A. da. (2016). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec.

- Castro, A. L. S. de. (2007). *Museus e turismo: uma reação delicada*. In VIII Enancib – Encontro Nacional De Pesquisa Em Ciência De Informação. Salvador da Bahia: [s.n]. Recuperado em 18 de junho de 2020, de <https://bityli.com/WOzbJ>
- Catta, L. E. (2003). *O Cotidiano de uma Fronteira: a perversidade da modernidade*. Cascavel: Edunioeste. Recuperado em 16 de junho de 2020, de <https://bityli.com/BJ8oX>
- Choay, F. (2006). *A Alegoria do Patrimônio*. 3 ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP.
- Debary, O. (2017). *Antropologia dos restos: da lixeira ao museu*. Pelotas: UM2 Comunicação. Recuperado em 20 de junho de 2020, de <https://bityli.com/tpixV>
- Halbwachs, M. (1990). *A Memória Coletiva*. Tradução de Laurent Léon Shaffter. São Paulo. ED. Vértice.
- Ignarra, L. R. (2011). *Fundamentos do Turismo*. 2ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Itaipu. (2020). *Gestão Transparente*. Recuperado em 10 de julho de 2020, de <https://bityli.com/wefGk>
- Itaipu. (2020a). *Usina Hidrelétrica de Itaipu: principais características técnicas*. Recuperado em 06 de julho de 2020, de <https://bityli.com/H9WRy>
- Itaipu. (2020b). *Prêmios*. Recuperado em 05 de agosto de 2020, de <https://bityli.com/Zc1zM>
- Itaipu. (2020c). *Perguntas Frequentes*. Recuperado em 05 de julho de 2020, de <https://bityli.com/i867I>
- Itaipu. (2020d). 40 anos: Itaipu transforma Foz em um dos maiores municípios do Paraná. Recuperado em 05 de julho de 2020, de <https://bityli.com/yCjVY>
- Itaipu. (2020e). *Missão*. Recuperado em 05 de julho de 2020, de <https://bityli.com/KEUHH>
- Itaipu. (2020f). Itaipu Binacional: Turismo. Recuperado em 05 de julho de 2020, de <https://www.turismoItaipu.com.br>.
- Itaipu. (2020g). Itaipu Binacional: Complejo Turístico. Recuperado em 05 de julho de 2020, de <https://cti.Itaipu.gov.py>.
- Itaipu. (2020h). Itaipu binacional: Turismo – Prêmios. Recuperado em 10 de julho de 2020, de <https://www.turismoItaipu.com.br/pt/premios>.
- Nora, P. (1993). *Entre memória e história. A problemática dos lugares*. In. Projeto História, São Paulo, 10, 7-28.
- Panosso Netto, A., & Gaeta, C. (2010). *Turismo de experiência*. São Paulo: SENAC.
- Pollak, M. (1989). *Memória, esquecimento, silêncio*. In. Estudos Históricas, Rio de Janeiro, 2(3), 3-15.
- Pollak, M. (1992). *Memória e Identidade Social*. In. Estudos Históricas. Rio de Janeiro, 5(10), 200-212.
- Poulot, D. (2009). *Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI: do monumento aos valores*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade.
- Prats, L. (2005). *Concepto y gestión del patrimonio local*. *Cuadernos de Antropología Social*, 21, 17-35. Recuperado em 20 de junho de 2020, de <https://www.redalyc.org/pdf/1809/180913910002.pdf>

- Prats, L. (2006). *La mercantilización del patrimonio: entre la economía turística y las representaciones identitarias*. PH Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, 58. DOI: <https://doi.org/10.33349/2006.58.2176>
- Parque Tecnológico deItaipu. (2020). *Espaço do Barrageiro*. Recuperado em 10 de julho de 2020, de <https://www.pti.org.br/pt-br/espacodobarrageiro>.
- Ribeiro, M. de F. B. (2002). *Memórias do concreto: vozes na construção de Itaipu*. Cascavel: Edunioeste.
- Ribeiro, M.de F. B. (2006) *Itaipu, a Dança das Águas: Histórias e Memórias de 1966 a 1984*. Tese de Doutorado – UNICAMP, Campinas, SP. Recuperado em 28 de junho de 2020, de <https://bityli.com/uiQdP>
- SEVLAB-TEAM. (2020). *Home*. Recuperado em 20 de junho de 2020, de <https://bityli.com/19aTu>
- Silva, S. L. P. da. (2018). O Lugar da Arte Na Memória Social e na Identidade Cultural. In: *5º Seminário de Informação em Arte (2017)* - Rio de Janeiro. Recuperado em 12 de julho de 2020, de <https://www.doity.com.br/anais/5-seminario-de-informacao-em-arte/trabalho/4397>
- Sobrinho, J. S. (2010). Ver y hacer ver: modernidad y arquitectura industrial en España. In: *AREAS.RevistaInternacional de CienciasSociales*, 29.
- Souza, C. A. F. de. (2015). *Transformations in urban space: stories and memories of the vila "A" from Itaipu and their surroundings - 1970/2013*.Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu. Recuperado em 16 de junho de 2020, de http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2568/1/Cesar_Souza_2015.pdf
- Sperling, D. (2010). Experiencie! In: Farias, Agnaldo; Fernandes, Fernanda (orgs.). *Arte e arquitetura: balanços e novas direções*. Brasília: Editora UnB.
- Thaumaturgo, L. R. Y. (2012). *A expansão urbana e o crescimento populacional em áreas do entorno de grandes reservatórios: o caso de Foz do Iguaçu*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica. Faculdade de Engenharia do Campus de Guaratinguetá da Universidade Estadual Paulista, Guaratinguetá. Recuperado em 18 de junho de 2020, de <https://bityli.com/v3pOh>
- Tornatore, J.L. (2010) *Patrimônio, memória, tradição, etc: discussão de algumas situações francesas de relação com o passado*. Revista Memória em Rede. v.1, n.1. Recuperado em 22 de junho de 2020, de <https://bityli.com/Vj014>
- Zilli, G. (2017). *O museu de arte contemporânea de Inhotim/ MG: a fruição da obra como estratégia de conservação*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Recuperado em 22 de junho de 2020, de <https://bityli.com/qUcjG>



ⁱ Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPe). Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná do Curso de Turismo e Hotelaria (UNIOESTE). E-mail: andressaszekut@gmail.com

ⁱⁱ Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná dos cursos de Pedagogia e Turismo (UNIOESTE). E-mail: samuelk98@msn.com